

# MODERNIDADE/ COLONIALIDADE/ DECOLONIALIDADE: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E HISTÓRICAS

MODERNITY/ COLONIALITY/  
DECOLONIALITY: THEORETICAL AND  
HISTORICAL PERSPECTIVES

MODERNIDAD/ COLONIALIDAD/  
DECOLONIALIDAD: PERSPECTIVAS  
TEÓRICAS Y HISTORICAS

 10.5935/2177-6644.20220002

Maira Damasceno\*

 <https://orcid.org/0000-0002-2383-9883>

Gabriel Chaves Amorim \*\*

 <https://orcid.org/0000-0001-7454-7867>

Dorvalino Refej Cardoso \*\*\*

 <https://orcid.org/0000-0003-1916-4219>

**Resumo:** Através de breve síntese bibliográfica, apresenta-se por meio de alguns intelectuais e suas reflexões, aspectos básicos para a compreensão histórica sobre os estudos pós-coloniais e decoloniais que abrem possibilidades para pensarmos múltiplas perspectivas de entendimento sobre história e sociabilidades humanas, principalmente, em relação à colonialidade e suas implicações aos colonizados.

**Palavras-chave:** Modernidade. Colonialidade. Pós-colonial. Decolonial. História.

**Abstract:** Through a brief bibliographic synthesis, it presents, through some intellectuals and their reflections, basic aspects for the historical understanding of post-colonial and decolonial studies, which open possibilities for thinking about multiple perspectives of understanding about history and human sociability, mainly in relation to coloniality and its implications for the colonized

**Key-words:** Modernity. Coloniality. Post-colonial. Decolonial. History.

**Resumen:** A través de una breve síntesis bibliográfica, presenta, a través de algunos intelectuales y sus reflexiones, aspectos básicos para la comprensión histórica de los estudios poscoloniales y decoloniales, que abren posibilidades para pensar múltiples perspectivas de comprensión de la historia y la sociabilidad humana, principalmente en relación con la colonialidad y sus implicaciones para los colonizados.

**Palabras-clave:** Modernidad. Colonialidad. Poscolonial. Decolonial. Historia.

\* Doutoranda em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).   
<http://lattes.cnpq.br/4704076171769241> - E-mail: [maira\\_dms@hotmail.com](mailto:maira_dms@hotmail.com).

\*\* Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).   
<http://lattes.cnpq.br/2316175296685346> - E-mail: [gchavesamorim@gmail.com](mailto:gchavesamorim@gmail.com).

\*\*\* Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).   
<http://lattes.cnpq.br/4901165447518704> - E-mail: [cardosodorvalino@yahoo.com.br](mailto:cardosodorvalino@yahoo.com.br).

Baixe um pouco os livros, e de agora em diante não os considere mais do que aos amigos com quem você pode conversar bem. Eles são homens - sempre foram! - e nada mais, e não mais do que você. Deixe-os, então, ou leve-os apenas para seu deleite, e isso voltará para você, você mesmo, afundando em você, e resolva seu caso. Não há outra maneira, acredite, de cruzar o mundo sem falsos enganos. Fique tentado por tudo, veja se você está saudável ou doente, e conviva com seus defeitos, assim como você é e não como você gostaria de ser, o que é grande presunção querendo ser perfeito e grande covardia ou hipocrisia querendo aparecer diferente de quem somos. [...] Admita-se como você é, pequeno ou grande – esse negócio de tamanho pensa que é uma coisa pequena - e coma seu pão sem olhar para o prato do vizinho. O que ele se importa se você é dono de si mesmo, isto é, se você finalmente, tem você mesmo? Que quando você tiver aprendido a amar a si mesmo da maneira que deveria, quando você vive para si mesmo - eu não vou induzi-lo ao egoísmo; Falaremos disso - quando você amar tudo o que é seu, e o defender, e mostrar sem constrangimento, e recusar o outro, - não importa o quão bom seja - porque não vem para você, eu juro! Mais filosofia - e será barato - do que a quantidade que você poderia encontrar nos livros. E terá uma vantagem: que sairá de um molde, nem pequeno nem largo, porque será feito ao seu tamanho.

Joaquín Torres García, El descubrimiento de si mismo, 1917.

## Introdução

Esse texto, traz como objetivo principal apresentar aspectos básicos e históricos para compreensão dos pensamentos pós-colonial e decolonial. As reflexões presentes nos estudos pós coloniais ganham forma a partir dos trabalhos, principalmente de Aimé Cesáire e Franz Fanon, na década de 1950, expandindo-se a partir dos anos de 1970 em contextos de libertações coloniais em países asiáticos e africanos. No entanto, questões referentes à situação colonial, subalternização dos descendentes de ex escravizados e direitos civis também estavam contidas nas reflexões de William Edward Du Bois e Marcus Garvey, pelo menos, desde 1903, configurando importantes e potentes pontos de reflexões e referências ao início desses estudos.

Já a decolonialidade, é uma noção que responde a uma corrente epistemológica desenvolvida em final da década de 1990 através do trabalho do Grupo Modernidade/Colonialidade onde pesquisadores de diversas áreas, principalmente latino-americanos, formam as discussões aliadas às suas realidades regionais e produzem amplas bibliografias que possibilitam pensarmos sobre outras perspectivas de entendimento sobre história e sociabilidades humanas que estavam escondidas sob os discursos da modernidade, principalmente em relação aos sujeitos colonizados. Nesse sentido, quais seriam as marcas da modernidade? Nessa proposta, apresentamos a colonização, seus projetos e a resultante colonialidade como uma das principais marcas da modernidade, determinando, assim, relações econômicas, sociais, educacionais, culturais e políticas desiguais entre colonizadores e colonizados e seus respectivos descendentes.

Desse modo, a primeira parte do texto contém breve síntese dos estudos pós coloniais,

apresentando alguns autores, suas reflexões e contribuições à essa área de estudos, para, na segunda parte, apresentar as reflexões decoloniais focadas na realidade histórica e particularidades do continente americano.

Não será foco demonstrar continuidades e rupturas entre pós-coloniais, estudos subalternos e decolonialidade, mas sim, a intenção é trazer o léxico temático dos autores. Esse texto mostrou-se necessário como forma de súpula epistemológica que serve para apresentação de uma ciência diversa. Além disso, essa seleção de bibliografias também representa tomada de posição sobre os discursos históricos da modernidade, deixando abertas várias possibilidades interpretativas tanto do passado, quanto do presente.

### **Breve síntese das reflexões e estudos Pós-coloniais**

O termo pós-colonial remete a movimentos políticos africanos e asiáticos realizados a partir dos anos de 1970. O pensamento pós-colonial caracteriza-se por nomes como o de Aimé Fernand David Césaire, poeta, dramaturgo, ensaísta e político, cunhador do termo negritude. Segundo o autor, criticar o empreendimento colonial “Parece que [...] é tirar velhos esqueletos do armário” (CESAIRE, 2010, p. 44). A escrita de Césaire em *Discurso sobre o Colonialismo*, contundente e denunciadora, traz importantes contribuições para o trabalho na historiografia. Mesmo que se trate de um ensaio repleto de indagações éticas e morais, nos leva à meditar, a colocar-nos em divã para indagar a nós mesmos: que ciência estamos nos empregando para fazer? Césaire chama a atenção para o fato dos historiadores e egiptólogos britânicos do seu tempo reificarem a África a partir de leituras racistas. Como exemplo, Césaire traz o historiador Cheikh Anta Diop “[...] audacioso [...] escreveu até agora o que servirá, sem dúvida alguma, para o despertar da África” (CESAIRE, 2010, p. 78).

O paradigma de historicidade, pensado na exclusão, pontua que “[...] ‘só há história branca’ [...] ‘só há etnografia branca’, é o Ocidente quem faz a etnografia dos outros, e não os outros que fazem a etnografia do Ocidente” (CÉSAIRE, 2010, p.68-69). Aimé Césaire, Cheikh Diop e muitos outros cientistas provenientes de periferias epistêmicas e globais sofreram com a ciência metonímica<sup>1</sup>, fazendo suas próprias teorizações sobre a herança colonial e o desenho da política que vinha ocorrendo.

---

<sup>1</sup> “[...] a razão metonímica, que se reivindica como a única forma de racionalidade e, por conseguinte, não se aplica a descobrir outros tipos de racionalidade ou, se faz, fá-lo apenas para as tornar matéria prima (SOUZA SANTOS, 2002, p. 240).

Igualmente, Albert Memmi, ensaísta tunisiano<sup>2</sup>, escreve *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1977), um marcador de conhecimento descentralizado em relação à Europa. Nesse ensaio, Memmi aborda diversas críticas sobre a historiografia colonial e aos “historiadores da colonização”, que analisam o empreendimento colonizador: “[...] ninguém acredita mais na missão cultural e moral, mesmo original, do colonizador [...] nestes últimos anos, com a aceleração da história, a vida se tornou difícil, freqüentemente perigosa para os colonizadores” (MEMMI, 1977, p. 22-23). Memmi traz consigo esse contexto de construção das teorias sociais, antropológicas, filosóficas, políticas e historiográficas no romper da história acontecendo, especificamente, no processo de independência da Tunísia. Conceitua “usurpador” como aquele estrangeiro que “[...] conseguiu não apenas um lugar, mas tomar do habitante [...], que legitimam de certo modo a desigualdade pela tradição, mas ao subverter as normas vigentes, substituindo-as pelas suas” (MEMMI, 1977, p. 25). Interessante, por exemplo, o que Albert Memmi fala sobre a memória, pontuando que “A lembrança não é um fenômeno de puro espírito. Assim como a memória do indivíduo é o fruto de sua história e de sua fisiologia, a de um povo apoia-se nas suas instituições. Ora, as instituições do colonizado estão mortas ou esclerosadas” (MEMMI, 1977, p. 94).

A decolonização, referente ao pós-colonialismo africano é, portanto, uma ética de vida que reflete na pesquisa, na ciência, no trabalho e na política. Interessante que, ao avançar com esta ética, apresenta-se comum a confusão (pela falta de conhecimento e certo revanchismo da colonialidade) e aplicação indiscriminada de rótulos como pesquisa panfletária, que se trata de algum tipo de militância, normalizando, assim, as versões eurocentradas. Deste modo, interceptados por falsos problemas como, por exemplo, o discurso de que o colonizado não tinha história: “Após haver excluído o colonizado da história, vedando-lhe qualquer futuro, o colonizador afirma sua imobilidade fundamental, passada” (MEMMI, 1977, p. 101), de tal modo, o objetivo da decolonização na história, caracteriza-se por favorecer a reconquista das dimensões sociais do “[...] ex-colonizado para que tornado um homem como os outros [...] seja um homem livre” (MEMMI, 1977, p. 127).

‘Mamãe, olhe o preto, estou com medo!’ Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível. Eu não aguentava mais, já sabia que existiam lendas, histórias, [...] um conhecimento de meu corpo na terceira pessoa, mas em tripla pessoa. No trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares. Eu já não me divertia mais [...] (FANON, 2008, p. 105).

Refleta: que tipo de escrita constitui-se sob a autoria da pessoa que chega à academia de

<sup>2</sup> A França apresentava a Tunísia como uma de suas colônias.

ônibus ou trem por conta da situação econômica, que no percurso é atravessada pelo racismo? Essas múltiplas intersecções apanharam esses intelectuais e os sacudiram, fazendo com que reconhecessem o privilégio que usufruíram, deixando-se usar por uma ética da decolonização.

Portanto, Frantz Fanon, psiquiatra martinicano, fez o percurso relativamente privilegiado de quem saiu da colônia para estudar na metrópole, no seu caso a França. Seu trabalho de conclusão, precisou ser adaptado para ser aceito por conta da acidez de suas problematizações. Sua obra apresenta-se como potencial de uso na compreensão das questões que envolvem a psicologia, a mente humana e os fenômenos sobre os racismos, advindos da relação colonial. Uma das obras mais conhecidas, *Les damnés de la terre* ou *Os condenados da terra* (1961) foi publicado depois de sua morte por leucemia em dezembro desse mesmo ano. *Peau noire, masques blancs* ou *Pele negra e máscaras brancas* (1952) publicado em vida, no ano de 1952, sofreu diversas censuras. Segundo o introdutor de uma de suas obras, na versão traduzida para o Brasil, é pontuado de forma sarcástica e triste que “Houve uma época em que um professor universitário norte-americano que tentasse abordar a obra de Frantz Fanon em um ambiente acadêmico estaria sujeito a perder o emprego” (GORDON In: FANON, 2008, p. 17).

Sobre a história, a contribuição de Fanon pode ser observada também na metodologia, caso de *Condenados da Terra*, em que o autor utiliza recursos orais como fonte de conhecimento e análise de casos ocorridos em uma prisão colonial francesa, problematizando os efeitos do colonialismo tanto ao colonizado, quanto ao colonizador. Já em *Peles Negras e Máscaras Brancas*, o autor utiliza a memória social ao citar autores racistas e promover uma desconstrução, mas também, experiências vividas por si mesmo, na forma de autoetnografias. Para isso, utiliza revistas, tabloides, quadrinhos, contos, folguedos, músicas e os imaginários, branco e preto, sobre a questão racial. Ao final de, *Peles Negras, Máscaras Brancas* (2008) desponta a possibilidade de uma revolução identitária, pontuando que é no existencialismo da consciência-de-si-para-si, que está o caminho para o fim do racismo: “[...] é minha vida, presa na armadilha da existência. Há minha liberdade, que me devolve a mim próprio. Não, não tenho o direito de ser um negro. Não tenho o dever de ser isso ou aquilo” (FANON, 2008, p. 189). Interessantíssimo perceber que o processo que Fanon construiu para que o leitor vivencie, inclui momentos de horror ao racismo, de denúncia à violência, de reconhecimento de si e consciência de mundo, temas construídos junto à disciplina Histórica.

Outro importante grupo, são os autores dos “estudos subalternos”. De partida, Chandra Talpady Mohanty realiza um debate crítico sobre a epistemologia que se sobrepõe como

hegemônica, europeia. A autora, compreende e lista os principais conceitos e categorias propostas para uma abordagem de gênero desde o local, e não mais a partir da metrópole. Seu texto apresenta críticas aos feminismos hegemônicos, pontuando a necessidade de dar conta das realidades e manifestações de “ser mulher” em diferentes contextos históricos e sociais. Mohanty<sup>3</sup> chama atenção para o fato da colonização atravessar os processos econômicos, hierárquicos, culturais e discursivos, desse modo, para a autora, de forma geral, a colonização apresenta-se como a dominação estrutural e supressão violenta da heterogeneidade dos sujeitos. Tendo em vista tais premissas, a autora poderá concluir que o feminismo hegemônico e a ciência, pontuam as mulheres de terceiro mundo como vítimas da violência masculina, dependente universal, vítimas do processo colonial e presas por si mesmas em redes de ideologias religiosas patriarcais.

Ranajit Guha, historiador indiano, tem nos deixado um legado intelectual que fundamenta e dá continuidade à história desde uma perspectiva dos *subalternos*. No Livro *Vozes da História e outros estudos subalternos* (2002), o autor questiona como os fatos históricos conquistam a qualidade de história. “Quem decide, e com que valores e critérios” (GUHA, 2002, p. 17, *tradução nossa*)<sup>4</sup>, segundo o autor, quem decide o que é história é o Estado e no caso das colônias, o aparato estatal da Metrópole. Por isso, segundo Ranajit Guha “[...] A história se guia por uma espécie de estatismo que define e valida o passado” (GUHA, 2002, p. 17, *tradução nossa*)<sup>5</sup>. Como bem pontua, a história esteve ao lado das ciências (ou artes) de governar, indispensável conhecimento para um monarca, mesmo após as revoluções republicanas reforçaram a historiografia vinculada ao estatismo<sup>6</sup>. As histórias, sobreviventes do colonialismo que se encontram fora da esfera estatista, evidencia *las limitaciones del colonialismo* (GUHA, 2002, p. 123). Portanto, a obra *Vozes da História* (2002), configura exemplo para pensarmos em uma problematização a partir de referenciais históricos e éticos fundamentados em lócus específicos.

De toda riqueza, presente dos trabalhos de Guha, pinçar trechos e excertos que sirvam como resumo metonímico apresenta-se como um desafio, segundo o autor, é o desafio da narrativa histórica como processo de distensão e expansão de elementos metonímicos e paradigmáticos. A

<sup>3</sup> “[...] colonizam de forma discursiva s heterogeneidades materiais e históricas das vidas das mulheres no terceiro mundo, e portanto, produzem/representam um composto singular, a ‘mulher do terceiro mundo’ [...]”. Original: “[...] colonizan de forma discursiva las heterogeneidades materiales e históricas de las vidas de las mujeres en el tercer mundo, y por tanto producen/representan un compuesto singular, la ‘mujer del tercer mundo’[...]. (MOHANTY, 2008, p. 4).

<sup>4</sup> Original: “¿Quién lo decide, y de acuerdo con qué valores y criterios?” (GUHA, 2002, p. 17).

<sup>5</sup> Original: “la historia se guía por una especie de estatismo que le define y evalúa el pasado” (GUHA, 2002, p. 17).

<sup>6</sup> “Foi, pois, como um conhecimento muito institucionalizado e estatista que os britânicos intruduziram a história na Índia do século 20”. Original: “Fue, pues, como un conocimiento muy institucionalizado y estatista que los británicos introdujeron la historia en la India del siglo XIX” (GUHA, 2002, p. 19).

história construída pela mão do “[...] historiador em relação aos rebeldes [...] indistinguível da do Estado - a atitude do caçador em relação à sua presa. Visto dessa forma, um insurgente não é um objeto de compreensão ou interpretação” (GUHA, 2019, p. 66, *tradução nossa*)<sup>7</sup>. Por vezes, os historiadores parecem se identificar com a história do governo e da nação colonial, defendendo a ordem instituída através de suas análises, pontuando como inevitável os fatos transcorridos pela violência do Estado. Por vezes os discursos em relação aos colonizados foi de ‘inevitável’: “[...] extermínio, e o discurso da história, longe de ser neutro, serve diretamente para instigar a violência oficial” (GUHA, 2019, p. 67, *tradução nossa*)<sup>8</sup>, adicionando ainda que “[...] é possível para o historiador usar essa linguagem empobrecida e quase técnica como uma chave para os antônimos que falam por uma consciência rival, a do rebelde” (GUHA, 2019, p. 112. *tradução nossa*)<sup>9</sup>.

Gayatri Spivak, crítica das leituras eurocêntricas que Michel Foucault e Gilles Deleuze fazem do terceiro mundo ao pensar a agência de sujeitos autônomos, tendo em vista que, em suas genealogias e análise rizomática, não reconhecem o contexto e diferença colonial: “No contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 17). Refletindo sobre a história indiana e de rituais de imolação de viúvas, Spivak (2010) percebe o sujeito no contexto pós-colonial como impedido de falar, de auto representar-se ante o contexto patriarcal e pós-colonial (SPIVAK, 2010, p. 17). Deste modo, a autora posiciona-se em uma dupla crítica, tanto ao processo colonial quanto ao pós-colonial, garantindo “[...] o papel do intelectual no movimento cultural e político do subalterno no âmbito da hegemonia. Esse passo deve ser dado para determinar a produção da história como uma narrativa (da verdade)” (SPIVAK, 2010, p. 70).

‘O sujeito’, inferido pelos textos de insurgência, pode servir apenas como uma contra possibilidade para as sanções narrativas conferidas ao sujeito colonial nos grupos dominantes. Os intelectuais pós-colonialistas aprendem que seu privilégio é sua perda. Nisso, eles são um paradigma dos intelectuais. [...] O fato de Deleuze e Foucault ignorarem tanto violência epistêmica do imperialismo quanto divisão internacional do trabalho teria menos importância se eles não tocassem, ao encerrar, nos assuntos do Terceiro Mundo. (SPIVAK, 2010, p. 91).

Portanto, os textos de insurgência são discursos de vida, exemplos de cotidianos políticos que destoam dos grupos dominantes potencializados pelo intelectual pós-colonial e decolonial, que comunica essas realidades/possibilidades de vidas outras. Percebe-se então, que, para Spivak (2010)

<sup>7</sup> Original: “[...] historiador hacia los rebeldes [...] indistinguible de la del Estado —la actitud del cazador en relación con su presa. Mirado así un insurgente no es un objeto de comprensión o interpretación” (GUHA, 2019, p. 66).

<sup>8</sup> Original: “[...] extermínio, y el discurso de la historia, lejos de ser neutral, sirve directamente para instigar la violencia oficial” (GUHA, 2019, p. 66-67).

<sup>9</sup> Original: “[...] es posible para el historiador usar este lenguaje empobrecido y casi técnico como una clave para las antonimias que hablan por una conciencia rival, la del rebelde” (GUHA, 2019, p. 112).

é tarefa do intelectual engajar-se nas denúncias das formas de exploração coloniais e nativas, contudo, é reconhecendo-se como privilegiado, em relação à divisão do trabalho, que se conquista a consciência-de-si-aí-no-*terceiro*-mundo.

Ainda, valiosa contribuição para essa história da epistemologia pós-colonial, vem de Edward Said, palestino, autor de: *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (1990). A invenção do orientalismo, para Said, exprime o fenômeno cíclico de dominação e objetificação das nações que foram representadas como ‘o Oriente’. Said pontua que as históricas campanhas expansionistas para Oeste do globo culminaram na relação Ocidente/Oriente. Obra muito importante para a territorialização das teorias pós-coloniais na América.

Immanuel Wallerstein, com posterior auxílio de Aníbal Quijano - que cunhou o conceito de “colonialidade” (1992) - influenciou na percepção do colonialismo como um sistema-mundo, percorrendo a história e percebendo a construção da Europa moderna como hegemônica e homogênea, pontuando que o colonialismo e as navegações globais criam a percepção que os modernos chamam de “mundo”. Wallerstein analisa o sistema mundial moderno, a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeu no século XVI conectadas pela colonização.

Enrique Dussel também já vinha caminhando por essas trajetórias que desembocariam no grupo modernidade/colonialidade. O filósofo começou suas teorias dentro de uma linha marxista da teologia da libertação, caso dos livros: *Filosofia da libertação na América Latina* (1983), *Ética comunitária - Liberta o pobre*” (1986), tem nos brindado com reflexões em relação à História e a colonialidade, como o título *1492 O encobrimento do outro: A Origem do mito da modernidade* (1992).<sup>10</sup> Este último, estudo histórico e construção de uma filosofia da afecção colonial. Na filosofia, existe a ontologia que estuda a existência. A afecção, é o encontro, a relação e o afeto que o *outro* provoca no si mesmo. O filósofo tem potentes teorizações que revelam a construção da Europa desde uma perspectiva histórica dentro de uma estrutura de lógica clássica. Para Dussel a Europa, muito mais Americana do que Helênica, não possui um passado comum nos gregos, mas na exploração dos povos.

A importância dessas referências em contextos do continente americano, advém das possibilidades outras de interpretações e reflexões acerca questões caras à disciplina histórica, como, por exemplo, as relações com o tempo e as diversas historicidades envolvidas nas narrativas, nas biografias, em locais sociais e históricos.

---

<sup>10</sup> Em especial ao historiadores, ver os apêndices que o autor coloca ao final para facilitar a leitura.

## Continente americano: a fronteira é a diferença colonial

Importante pontuar que a teoria aqui delineada apresenta-se como uma alternativa, contudo, não deve ser excludente de outras obras e pensadores europeus, porém, atentando aos limites. Há exemplo de teorias que, utilizadas para fazer leituras de contextos americanos, possuem limites, como o reconhecimento das diferenças coloniais, ausentes em muitas reflexões desses autores. Pensemos por exemplo em Gilles Deleuze e Michel Foucault, contundentes pesquisadores no que tange à desconstrução e construção filosófica e política da modernidade, contudo, não reconhecem a diferença colonial. Tal fato, não impediu que Achile Mbembe realizasse um ensaio dialogando com os teóricos da biopolítica (Foucault, Agamben, Benjamin...), colocando-se como teorizador dos processos coloniais dentro deste bias. Nossa intenção aqui, é trazer o léxico temático de cada autor, portanto, não nos preocuparemos em demonstrar continuidades rupturas entre pós-coloniais, estudos subalternos e decolonialidade.

A colonialidade do poder é um conceito desenvolvido originalmente por Aníbal Quijano, em 1989, e amplamente utilizado pelo grupo. Ele exprime uma constatação simples, isto é, de que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo (BALLESTRIN, 2013, p. 99).

Para Anibal Quijano, a estrutura colonial produziu as discriminações raciais, étnicas, antropológicas e nacionais. Por vezes, o colonizador pontuava essa diferença como um “[...] produto da dominação colonial por parte dos europeus, foram inclusive assumidas como categorias (de pretensão ‘científica’ e ‘objetiva’) de significação ahistórica, é dizer como fenômenos naturais e não da história do poder” (QUIJANO, 1992, p. 12, *tradução nossa*)<sup>11</sup>. Portanto, a história foi concebida como uma linha evolutiva desde os binômios primitivo/civilizado, tradicional/moderno, selvagem/racional e pré-capitalismo/capitalismo: “Europa pensou em si mesma como espelho do futuro de todas as demais sociedades e culturas; como o modo de vida avançado da história de toda a espécie” (QUIJANO, 1992, p. 18, *tradução nossa*)<sup>12</sup>.

Walter Mignolo, no livro *Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar* (2003) parte de Immanuel Wallerstein, contudo, pontua que a diferença colonial, não foi contemplada inicialmente no projeto de Wallerstein, sendo posteriormente reconfigurado a partir de Quijano. Reconhecer essa diferença, é perceber a emergência das Américas e sua importante localização para a transformação da ordem mundial

<sup>11</sup> Original: “Europa se pensara a si mesma como espejo del futuro de todas las demas sociedades y culturas; como el modo avanzado de la historia de toda la especie” (QUIJANO, 1992, p.12)

<sup>12</sup> Original: “Europa pensou em si mesma como espelho do futuro de todas as demais sociedades e culturas; como o modo de vida avançado da história de toda a espécie” (QUIJANO, 1992, p. 18)

colonial/moderna com o advento das colônias. Segundo Mignolo, é no espaço da diferença colonial que emerge a colonialidade do poder, onde as histórias locais estão concebendo e implementando os projetos globais:

Se a cosmologia ocidental é um ponto de referência historicamente inevitável, as múltiplas confrontações de dois tipos de histórias locais desafiam dicotomias. A cosmologia cristã e a dos índios norte-americanos; a cristã e a ameríndia; a cristã e a islâmica; a cristã e a confuciana, entre outras, apenas encenam dicotomias quando consideradas uma a uma, não quando comparadas dentro dos limites geohistóricos do sistema colonial/moderno (MIGNOLO, 2003, p. 10)

No ano de 2003, Edgar Lander, sociólogo, organiza a publicação *A colonialidade do saber - eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas* (2003), reunindo os expoentes do grupo modernidade/colonialidade: Santiago Castro-Gómez, Fernando Coronil, Enrique Dussel, Arturo Escobar, Edgardo Lander, Francisco López Segrera, Walter D. Mignolo, Alejandro Moreno e Aníbal Quijano. Todos os autores concordam na busca de um projeto político, ético, filosófico e histórico alternativo ao ocidentalismo e ao neoliberalismo, missões difíceis, porém, não impossíveis. O neoliberalismo, herdeiro legítimo do colonialismo, debatido e confrontado como uma teoria econômica que apresenta síntese dos pressupostos e valores básicos da sociedade. Portanto, para a modernidade, o ser humano igualmente caracteriza-se como: possuir riqueza, domínio da natureza, manipulação da história calcada no progresso, enfim, dita o que é o conhecimento e também a boa vida. Alternativas às propostas neoliberais e ao modelo de vida que representam, não podem ser encontrados em outros modelos ou teorias no campo da economia, já que, como disciplina científica, assumem, na base, a visão liberal como espontâneas e naturais dentro do desenvolvimento histórico das sociedades.

Mas, por qual motivo muitas teorias não reconhecem essa diferença colonial que remete-nos a fala de Walter Mignolo? Ramón Grosfoguel, professor Associado de Estudos Chicano e Latinos, leciona sobre decolonialidade, migração internacional, islamofobia, economia política do sistema mundial e racismo, nos auxilia responder a questão. Grosfoguel analisa a fundação do racismo/sexismo no mundo moderno/colonial e sua ligação com as estruturas de pensamento numa perspectiva de longa duração<sup>13</sup>. Inspirado por Enrique Dussel, dá ênfase à invasão da América ao discutir as raízes da opressão colonial. Também, por Boaventura dos Santos Souza, sociólogo

---

<sup>13</sup> Cabe o comentário que a longa duração é uma estrutura de análise elaborada pelo historiador Fernand Braudel. Uma referência direta aos *Anales*, corrente histórica Francesa, que iniciou os trabalhos como um simples e pequeno editorial, uma revista de História, *Os Anais de História*, inicialmente distribuídos entre Itália e França contrapunham as correntes e editoriais hegemônicas na época. Um de seus fundadores foi fuzilado em Paris durante a invasão nazista.

português que viajou conhecendo múltiplos movimentos sociais em países ex-colônias portuguesas, para trabalhar a exclusão das epistemologias da América.

No artigo *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI* (2016), Grosfoguel pontua que existe uma mentalidade de que os países, Itália, França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos formam um bloco para universalizar seus bairrismos. Desse modo, as perguntas do artigo são: Por que tais países se consideram superiores? Como é possível que tais países controlem o cenário científico mundial? O autor explora o monopólio de conhecimento e universalização como uma suposta capacidade, mágica, de explicar toda diversidade social e história do mundo: “A pretensão é que o conhecimento produzido por homens desses cinco países tenha o mágico efeito de apresentar uma capacidade universal: suas teorias são supostamente suficientes para explicar as realidades sócio-históricas do restante do mundo” (GROSFOGUEL, 2016, p. 27). Sobre essa base, atualmente assentam-se teorias das ciências humanas nas universidades ocidentais e nas ex-colônias.

Nas universidades ocidentalizadas os conhecimentos outros ou subalternos, forma como Grosfoguel se refere aos conhecimentos considerados não ocidentais, são representados pelos europeus como inferiorizados em relação ao conhecimento do eixo Itália, França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos. Esse *apartheid* epistêmico, em relação as teorias do Sul Global, segundo o autor, tem raiz nos quatro epistemicídios/genocídios da Modernidade.

O ‘racismo de cor’ não foi o primeiro discurso racista. O ‘racismo religioso’ (‘povos com religião’ versus ‘povos sem religião’ ou ‘povos com alma’ versus ‘povos sem alma’) foi o primeiro elemento racista do ‘sistema-mundo patriarcal, eurocêntrico, cristão, moderno e colonialista’ (GROSFOGUEL, 2016, p. 39).

Algumas críticas em relação ao início do grupo modernidade/colonialidade, apresentam a questão da pouca participação das mulheres na construção das teorias, porém, não significa que não estejam contempladas, pois como pontua Quijano (1992) a colonialidade é também uma intersecção com o gênero e sexos. Um dos grandes expoentes do grupo é Catherine Walsh (2012, p. 65), pontuando que o problema principal da noção de interculturalidade é a diferenciação forjada como padrão de poder colonial, e não a diversidade. Assim, para Walsh, há três tipos de interculturalidades possíveis, sendo elas: relacional, que reconhece a existência do outro, porém não concede equidade; funcional, que relaciona-se com o outro, porém, somente para cumprir leis; crítica, que reconhece o outro com equidade.

## Epistemologia e Feminismos

Falamos anteriormente dos feminismos hegemônicos, que estão mais para movimentos femininos baseados em pressupostos universalizantes, realizando, assim, leituras equivocadas de certos contextos. Rita Laura Segato (2012), antropóloga argentina, propõe pensar o lugar das relações de gênero na desarticulação da colonialidade do poder através de uma “escuta etnográfica”, levando para a antropologia, suas relações empíricas com grupos políticos indígenas que geraram na autora uma espécie de “caixa de ferramentas” para entender as relações de classe, raça e gênero. Segato, desse modo, propõe pensar o problema do feminicídio desde uma perspectiva multinacional, tomando-o como um fenômeno inerente ao contexto de expansão da modernidade capitalista.

Ochy Curiel Pichardo, antropóloga, fala de um desenganche teórico, iniciando com a realização de levantamentos bibliográficos que consigam:

[...] identificar conceptos, categorías, teorías que surgen desde las experiencias subalternizadas, que son generalmente producidas colectivamente, que tienen la posibilidad de generalizar sin universalizar, de explicar distintas realidades para romper el imaginario de que estos conocimientos son locales, individuales, sin posibilidad de ser comunicados (PICHARDO, 2012, p. 57).

O desenganche, implica na criação de metodologias que reconheçam e minimizem as relações de poder, bem como, das condições na construção do conhecimento. Cita Rivera Cusicanqui para chamar atenção para a academicização da decolonialidade, onde os intelectuais passam a ser influenciados por seus locais de produção, salários, comodidades o que, para Pichardo (2012, p. 58), também se aplicaria ao feminismo descomprometido com a realidade, aquele, hegemônico, citado anteriormente.

No início da década de 1990, Julieta Paredes, Maria Galindo, Julieta Ojeda e outras mulheres se juntaram para formar um grupo que fizesse um contraponto ao feminismo ocidentalizado, nascia, assim, os feminismos comunitários. A comunidade *Mujeres creando comunidad* levantou as bases de discussão para um feminismo comunitário: “A autoridade significa que nem tudo começa e termina no teu umbigo e que existem mais pessoas além de ti ” (PAREDES, 2008, p. 10, *tradução nossa*)<sup>14</sup>. A ideia de comunidade, exige respeito à diversidade e a coexistência entre diferentes manifestações de vida e de gênero. Esse pressuposto é necessário, uma vez, que as mulheres são tidas, quase sempre, como metades supostamente subalternas dos homens, intermediadas, governadas e organizadas por homens. Ser comunidade, é destituir essa relação hierarquizada de gestão sobre o corpo, espaço, tempo, memória e movimento.

<sup>14</sup> Original: “La alteridad significa que no todo empieza y termina en tu ombligo y que existen otras personas más allá de ti”

Por fim, pensadora negra, potente, de grande importância para o pensamento decolonial, sobretudo no Brasil: a historiadora Lélia Gonzales evidencia a categoria político-cultural de amefricanidade, uma identidade fruto do devir decolonial. A julgar que suas ideias foram gestadas na década de 1980, Lélia caracteriza-se como pioneira desse pensamento no país, nos apresentando análises teóricas da formação histórico-cultural do Brasil, considerando o passado colonial, todo arcabouço cultural e imaginários herdados com o período. Lélia traz, ainda, novos conceitos caros à identificação negra com o imaginário de formação do Brasil.

O termo Améfrica Ladina, por exemplo, mistura África, América e o conceito de Ladino, historicamente ligado aos escravos espertos que promoviam sua própria emancipação do sistema escravista: “Pretos e pardos são os ladinosamefricanos” (GONZALES, 1988, p. 69), ressaltando a marca africana nas línguas coloniais, similar em toda América, no caso específico do Brasil deriva uma nova variação linguística o “pretoguês”. Evidencia, também, que as manifestações da identidade preta nacional, foram reduzidas por classificações eurocêntricas do tipo “cultura popular” ou “folclore nacional”, que minimizam a importância da contribuição negra.

## Conclusões

Este texto, apresenta-se como propedêutica inicial e não deve ser tomado, de forma alguma, como cânone ou listagem de clássicos. As referências ou aquilo que trouxemos conosco, são princípios. Cabe agora, aos que viveram o percurso dessa leitura, utilizar estes princípios para descobrir novos, com o fim de fazer uso deles como meios para atingir objetivos, fornecer suporte à denúncia da colonialidade, não obstante, a criação de alternativas de vida, história, política e filosofia.

Pudemos perceber como as teorizações e práticas pós-coloniais, dos contextos africanos e asiáticos, influenciaram para a criação de grupos de estudos sobre a subalternidade em todo globo. A territorialização dessas ideias na América deu-se de forma proeminente no grupo Modernidade/Colonialidade, que, por sua vez, se desdobra em inúmeras raízes, caso dos feminismos decoloniais e comunitários. Por fim, apresenta-se o pensamento de Lélia Gonzalez, um bom exemplo de intelectual brasileira – que estava aqui desde sempre – decolonial, combativa denunciadora do racismo e da colonialidade. Quantas histórias, reflexões e autores que estavam e que ainda estão, desconhecemos ou esquecemos por conta da invisibilidade epistemológica realizada a partir das colonialidades? Grandes potências do pensamento decolonial, presentes no continente americano, por suas experiências não hegemônicas que geram reflexões liminares, são os

intelectuais indígenas e os intelectuais de origem periférica, porém, não há impedimentos para que os intelectuais de outras origens pensem criticamente sobre os discursos da modernidade e de produção dos conhecimentos, reconhecendo, assim, pares em vez de objetos. Construir junto, realizando um “traçado entre culturas, entre línguas” (MOURA, et al, 2021), propondo outras formas de produzir, narrar, representar novos objetos. Enrique Dussel (2005) chama essa possibilidade conjunta que requer relações equalitárias de “transmodernidade”, uma modernidade que agora reconhece a alteridade que pretendeu apagar.

## Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, 2013, p. 89-117.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CESAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Palhoça: Ed. Letras Contemporâneas/Livros e Livros, 2020.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, 2012, p. 09-20.

COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2018.

DIOP, CHEIKH ANTA. **A unidade cultural da África Negra: Esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade Clássica**. Ramada: Ed. Edições Pedagogo, 2016.

DU BOIS, W. E. B. **As Almas da Gente Negra**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000.

DUSSEL, Henrique. **1492 - O encobrimento do outro: A Origem do mito da modernidade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993

DUSSEL, Enrique. **Ética comunitária**. Liberta o pobre! Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1986.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação**. Na américa latina. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1982.

DUSSEL, Enrique. Europa, Modernidade e Eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**. Eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p.55-77.

FANON, Frantz Fanon. **Em defesa da revolução Africana**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980 ;

FANON, Frantz Fanon. **Os condenados da terra**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1965.

FANON, Frantz Fanon. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: Editora EdUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, n. 92/93, 1988, p. 69-82.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, 2016, p. 25-49.

GUHA, Ranajit. **Dominación sin hegemonía: Historia y poder en la India colonial**. Madrid: Editora: Traficantes de sueños, 2019 .

GUHA, Ranajit. **Las voces de la Historia** y otros estudios subalternos. Barcelona: Editora Crítica, 2002.

LANDER, Edgardo (Org.) **A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Memmi, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1977.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais - projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIÑOSO, Yuderkis Espinosa. Hacer genealogía de la experiencia: el método hacia una crítica a la colonialidad de la Razón feminista desde la experiencia histórica em América Latina. **Revista Direito e Práxis**, v. 10, n. 3, 2019.

MOHANTY, Chandra Talpady. Bajo los ojos de Occidente: academia feminista y discursos coloniales. In: NAVAZ, Liliana Suárez y HERNÁNDEZ, Aída (Orgs.). **Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes**. Madrid: Ed. Cátedra, 2008. p.117-163, 2008.

MOURA, Onório Isaias; et al. Trançado entre culturas, entre línguas: reflexões sobre a autoria e a coautoria. **Revista Latino-Americana de História**, v.10 n. 26, 2021, p. 66-82.

PAREDES CARVAJAL, Julieta; COMUNIDAD, Mujeres Creando Comunidad. **Hilando fino desde el feminismo comunitário**. La Paz: Ed. Cooperativa El Rebozo, 2010.

PICHARDO, Ochy Curiel. Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial. In: AZKUE, Irantzu Mendia. **Otras formas de (re)conocer**. Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista. Bilbao: Ed. Hegoa, 2014. p. 45-60.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad Y Modernidad/Racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, 1992,

p. 11-20.

SAID. Edward Said. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1990 .

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES**, n. 18, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravony. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG,2010.

TORRES-GARCÍA, Joaquín Torres García. **El descubrimiento de si mismo**. Cartas a Julio que tratan de cosas muy importantes para los artistas. Montevideo: Ed. Tipografia de Masó, 1917

WALLERSTEIN, Immanuel Wallerstein. **O sistema mundial moderno**. Vol. I: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no seculo XVI. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas**, v. 05, n. 1, 2019, p. 06-39.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, v. 15, n. 1-2, 2012, p. 61/74.

*Recebido em: 07 de março de 2022.*

*Aprovado em: 01 de abril de 2022.*